

## EUTOPIA E EMIGRAÇÃO

Abordagem micro-sociológica  
na freguesia da Ribeira Quente, S. Miguel

por  
ROLANDO LIMA LALANDA GONÇALVES

### Introdução

A importância do fenómeno emigratório açoriano tem levado a algumas análises mais ou menos aprofundadas da realidade socio-cultural pretendendo estudar as suas causas e consequências.

Neste artigo pretendemos demonstrar, a partir de uma abordagem micro-sociológica, que o processo emigratório se enquadra nos processos socio-culturais locais e como tal não resulta apenas de desequilíbrios socio-económicos ou socio-demográficos. Para tal iremos apresentar o conceito de *eutopia*, que permite operacionalizar a imagem atractiva do país de emigração integrando-a nos processos sociais e culturais que se desenvolvem no contexto da freguesia.

Esta abordagem parte, assim, da definição do contexto espacial, e após caracterizar a situação demográfica e económica, centra-se no estudo da lógica comportamental dos jovens da Ribeira Quente na qual se integra o processo emigratório através de uma *lógica eutópica* subjacente.

### 1. Ribeira Quente: envolvente histórico-geográfica

Situada na costa sul da ilha de S. Miguel, entre o massiço montanhoso das Furnas e o mar, a freguesia da Ribeira Quente estrutura-se em dois pólos habitacionais: o chamado «Fogo» e o chamado «Ribeira». Relativamente isolada, caracteriza-se pelo seu porto de mar, descrito pela primeira vez por Gaspar Frutuoso nos seguintes termos:

«[...] Passada a ponta do Garajau, dela até à Ponta de Simão Figueira [...] antre estas duas pontas, está uma enseada de areia, tanto como um tiro de arcabuz, e logo adiante da ponta de Simão Figueira, em uma baixa de compridão de um tiro de berço, que se faz antre o seu penedo e antre outra ponta chamada Rosto Branco, por ser a mesma ponta de terra branca, onde estão fajãs e que terão cinco moios de terra, que têm vinhas e dão pão e pastel, está a Ribeira Quente [...] na qual ribeira entra muito pescado, onde com não pequeno gosto e grande passatempo, fazem os principais da terra e alguns nobres estrangeiros, no verão, grandes e ricas pescarias»<sup>1</sup>.

Já no século XIX encontramos uma descrição mais pormenorizada desta freguesia feita por um inglês que em viagem ao vale das Furnas teve de passar por ali. Refere F. Walker<sup>2</sup> que a Ribeira Quente é muito pobre e que todos os anos o mar ameaça as cabanas dos pescadores. Este mesmo articulista menciona o facto de em 1880 terem sido destruídas algumas cabanas por uma tempestade. Contudo, uma das descrições mais interessantes diz respeito às relações então existentes entre a Ribeira Quente e Ponta Delgada. Com efeito, F. Walker descreve um

<sup>1</sup> Gaspar FRUTUOSO, *Saudades da Terra*, Liv. IV, Vol. II, Ponta Delgada, 1981, p. 28.

<sup>2</sup> Frederick WALKER, *Os Açores ou Ilhas Ocidentais*, trad. de J. Anglin, in *Insulana*, 1969, Vol. I, Fasc. IV, p. 52.

transporte por barco de carvão para a cidade de Ponta Delgada, o que mostra a importância dos contactos via marítima com outras localidades dada a inexistência nessa altura de uma estrada que permitisse uma fácil comunicação com o interior da ilha. F. Walker descreve-nos uma viagem que fez ao vale das Furnas onde durante quatro horas percorreu o caminho que conduzia à Ribeira Quente, tão pedregoso e escorregadio que só podia ser percorrido em burro ou em mula.

Assim podemos caracterizar a envolvente histórico-geográfica desta freguesia pelo isolamento, porquanto só na primeira metade deste século se assistiu à construção de uma estrada, o que, pela realização de dois túneis permitiu uma mais rápida ligação entre esta freguesia e a das Furnas, bem como com a vila da Povoação. Esta estrada foi rectificadada e alcatroada em 1975 sendo neste momento bastante mais acessível. Este facto, aliado à existência de uma praia na zona do Fogo, tem permitido a presença de inúmeros forasteiros nessa freguesia sobretudo durante o Verão.

### 2. Ribeira Quente: evolução e estrutura demográfica

Neste quadro de relativo isolamento a população da Ribeira Quente conhece a evolução que apresentamos no Quadro I: cresce rapidamente entre 1961 e 1965 e acusa um rápido decréscimo em 1966, 1971 e 1976, anos a que se seguem períodos de baixas (de menor intensidade).

O carácter cíclico desta evolução está directamente ligado ao pequeno tamanho da população onde o impacto da emigração se faz sentir com bastante intensidade. Para melhor compreender este fenómeno apresentamos no Quadro II alguns indicadores demográficos fundamentais.

## QUADRO I

## População da freguesia da Ribeira Quente

Anos	Habitantes	Taxa de crescimento anual ‰
1960	2.236	—
1961	2.260	11,5
1962	2.330	23,2
1963	2.400	29,2
1964	2.380	12,6
1965	2.421	17,0
1966	2.101	- 152,3
1967	2.100	- 0,5
1968	2.108	3,8
1969	2.059	- 23,8
1970	1.987	- 36,3
1971	1.792	- 112,2
1972	1.790	- 1,1
1973	1.770	- 11,4
1974	1.700	- 41,1
1975	1.700	0,0
1976	1.372	- 239,1
1977	1.372	0,0
1978	1.309	- 48,6
1979	1.300	- 6,8
1980	1.264	- 28,5

FONTE: Arquivo Paroquial de São Paulo, Ribeira Quente.  
Análise dos roteiros paroquiais.

Como podemos verificar, o período de crescimento populacional de 1961 a 1965 deve-se essencialmente a uma fortíssima taxa de natalidade. Em contrapartida, o rápido decréscimo em 1966, 1971 e 1976 ficou a dever-se a uma forte taxa migratória negativa. Este fenómeno está directamente ligado à ausência relativa das classes etárias de 20 a 59 anos como podemos constatar no Quadro III.

## QUADRO II

## Ribeira Quente: indicadores demográficos (1961-1980)

Anos	Taxa de natalidade ‰	Taxa de mortalidade ‰	Taxa de crescimento natural ‰	Taxa de crescimento migratório ‰
1961	38,5	7,1	31,4	- 19,9
1962	32,6	6,0	26,6	- 3,4
1963	35,8	11,3	24,6	- 4,6
1964	34,9	7,6	27,3	- 14,7
1965	31,0	7,4	23,6	- 6,6
1966	32,4	7,6	24,8	- 177,1
1967	30,5	4,8	25,7	- 26,2
1968	27,5	10,4	17,1	- 20,9
1969	32,1	8,7	23,3	- 47,1
1970	27,7	9,6	18,1	- 54,4
1971	28,5	11,2	17,3	- 129,5
1972	31,3	11,2	20,1	- 21,2
1973	20,3	5,1	15,2	- 26,6
1974	25,9	9,4	16,5	- 57,6
1975	21,2	8,8	12,4	- 12,4
1976	17,5	10,2	7,3	- 246,4
1977	22,6	6,6	16,0	- 16,0
1978	21,4	13,0	8,4	- 56,5
1979	26,2	13,8	12,4	- 19,2
1980	26,1	15,0	11,1	- 39,6

FONTE: Arquivo Paroquial de São Paulo, freguesia da Ribeira Quente.  
Análise dos roteiros paroquiais e dos livros de registo de baptizados.

## QUADRO III

## Estrutura etária da Ribeira Quente e da ilha de São Miguel a 31 de Dezembro de 1979

Grupos etários	- 20 anos		20 a 59 anos		60 e mais anos	
	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Ribeira Quente (a)	625	49,4	453	35,8	186	14,7
São Miguel (b)	54.135	42,3	56.958	44,5	16.896	13,3

FONTE: a) Arquivo Paroquial de São Paulo, Ribeira Quente.  
b) XII Recenseamento da População Portuguesa, I. N. E., 1981.

A análise deste quadro permite verificar que, se por um lado se assiste a uma ausência relativa da classe etária de 20 a 59 anos, por outro lado as categorias extremas, de menos de 20 anos e de mais de 60 anos, são percentualmente maiores do que as de S. Miguel. A freguesia da Ribeira Quente aparece, assim, relativamente à população da ilha, caracterizada por colocar face a face uma população jovem e outra cada vez mais envelhecida. Para melhor analisar este tipo de população podemos estabelecer as relações de masculinidade por grupos de idade que apresentamos no Quadro IV.

QUADRO IV

Relações de masculinidade por grupos de idade na população da Ribeira Quente

Grupos etários	0 a 4 anos	5 a 12 anos	13 a 19 anos	20 a 25 anos	26 a 30 anos	31 a 35 anos	36 a 49 anos	50 a 59 anos	60 e + anos
Relação de masculinidade	0,910	1,094	1,223	0,724	1,350	1,200	0,911	1,195	0,676

FONTE: Arquivo Paroquial de S. Paulo, Ribeira Quente. Análise dos roteiros paroquiais.

A partir do Quadro IV, podemos ver que no grupo etário de 20 a 25 anos se verifica uma percentagem proporcionalmente acrescida de mulheres, o que se pode explicar não somente pelo facto desta ser a idade do serviço militar e de emigração para os jovens da freguesia, mas também pelas características do fenómeno emigratório. Uma destas características reside no facto de uma forte percentagem de casais emigrar no ano do casamento como demonstra o Quadro V.

Este facto contribui para o decréscimo da população e para a baixa progressiva da natalidade na freguesia,

QUADRO V

Nupcialidade e emigração

Anos	Casamentos	H	M	Situação migratória		
		Idade média	Idade média	Emigraram % no ano	Imigraram % no ano	Residem % no ano
1976	14	23,9	21,1	64,3	0	35,7
1977	13	24,4	19,5	53,8	20,8	15,4
1978	10	22,6	20,2	20,0	30,0	50,0
1979	19	23,4	19,2	31,6	21,0	47,4
1980	14	25,1	20,6	28,6	21,4	50,0

FONTE: Arquivo Paroquial de São Paulo, Ribeira Quente. Análise do livro de registo de casamentos. Informações prestadas por entrevista.

apesar de se verificar ainda uma taxa de natalidade relativamente elevada em 1980. Contudo, a amplitude do fenómeno emigratório e a situação da juventude nesta freguesia enquadram-se num modelo cultural onde a instituição familiar é fundamental para compreender as dinâmicas socio-culturais desta comunidade rural-piscatória e as dinâmicas socio-económicas subjacentes.

### 3. A organização da pesca na freguesia da Ribeira Quente

Neste contexto é necessário analisar as dinâmicas socio-culturais que estão na base da importância da emigração nesta comunidade rural-piscatória. Para tal iremos centrar a nossa análise na organização da pesca, que é sem dúvida o sector económico mais importante da freguesia, como demonstra o Quadro VI.

## QUADRO VI

## População activa por sectores económicos

Sectores Económicos	População activa 1980	
Pesca	134	45,3%
Agricultura	87	29,4%
Comércio	40	13,5%
Serviços Públicos	10	3,4%
Construção Civil	16	5,4%
Artesanato	9	3,0%

FONTE: Arquivo Paroquial de São Paulo, Ribeira Quente.  
Dados recolhidos pelo pároco para o roteiro paroquial.

Tal como acontece no quadro global da freguesia o número de pescadores tem diminuído progressivamente nos últimos vinte anos, como se demonstra no Quadro VII.

## QUADRO VII

## Evolução do número de pescadores

Anos	Pescadores
1960	338
1975	139
1976	124
1977	119
1978	141
1979	142
1980	134

FONTE: Caixa de Previdência e Abono de Família dos Profissionais da Pesca (ex-Casa dos Pescadores).

Também a população piscatória da freguesia conhece um progressivo envelhecimento, o que se traduz na ausência relativa das categorias etárias de vinte a trinta e cinco anos, como podemos ver no Quadro VIII.

## QUADRO VIII

## Evolução da estrutura etária dos pescadores da Ribeira Quente

Idades	1975 %	1976 %	1977 %	1978 %	1979 %	1980 %
+ 50	14,4	13,7	11,8	13,5	12,0	12,0
36/49	30,2	35,5	35,3	36,2	35,9	38,0
20/35	42,2	37,1	42,0	35,5	34,5	31,0
- 20	13,0	13,7	10,9	14,8	17,6	18,0

FONTE: Caixa de Previdência e Abono de Família dos Profissionais da Pesca (ex-Casa dos Pescadores).

Podemos verificar que face à diminuição da categoria etária de vinte a trinta e cinco anos assiste-se à entrada progressiva de jovens com menos de vinte anos, enquanto a classe etária de trinta e seis a quarenta e nove anos suporta cada vez mais o esforço de pesca.

O envelhecimento progressivo da população implica uma maior diferença intergerações, que é tanto mais significativa quanto existe uma forte correlação entre a idade, o grau de escolaridade obtido e o estado civil, como apresentamos no Quadro IX.

Este contexto determina, em certa medida, as atitudes face ao desenvolvimento social da comunidade, dado que as categorias etárias mais jovens, iniciadas na organização tradicional da pesca, mais dificilmente são integradas por grupos cuja diferença etária se acentua progressivamente.

## QUADRO IX

## Habilitações literárias e estado civil dos pescadores da Ribeira Quente

Idade	Ensino Primário %	Analfabetos %	Estado civil	
			Solteiro %	Casado %
+ 50	18,7	81,3	0	100
36/49	45,1	54,9	5,9	94,1
20/35	92,9	7,1	50,0	50,0
- 20	96,0	4,0	100	0
Total	64,2	3,58	63,4	36,6

FONTE: Caixa de Previdência e Abono de Família dos Profissionais da Pesca (ex-Casa dos Pescadores).

Para melhor compreender este sistema social é necessário referir alguns dados fundamentais da sua estruturação.

Socialmente a pesca encontra-se estruturada em «companhas», que são provavelmente originárias das confrarias de pescadores de S. Pedro, características da organização da pesca na bacia mediterrânica e no Atlântico Oriental. Seria necessária uma pesquisa histórica para determinar a presença deste tipo de organização nos Açores, o que ultrapassa o âmbito deste trabalho; contudo, podemos referir que na costa mediterrânica francesa, ao efectuarmos um trabalho sobre a introdução da aquacultura numa laguna, verificámos o mesmo pendor corporativo na organização da pesca lagunar através de um outro tipo de organização — as *Prud'homies*.

A companhia é composta por cerca de 14 a 20 pescadores agrupados em três categorias distintas: o mestre, os companheiros, e os aprendizes ou rapazes de barco.

O mestre recruta a companhia e normalmente é também o dono do barco. O recrutamento de uma companhia faz-se, segundo os mestres, de acordo com as capacidades dos pescadores; contudo, pela análise das cédulas marítimas podemos afirmar que cerca de 70% dos membros de uma companhia são da família do mestre tanto por linha directa como colateral.

Além deste recrutamento, o mestre atribui as tarefas e os lugares ocupados pelos companheiros do barco, e também escolhe os lugares de pesca e as espécies a capturar. Finalmente, compete ao mestre velar pela distribuição dos rendimentos da pesca, promover o aprendiz a companheiro, e fixar os dias de pesca.

O companheiro executa o papel determinado pelo mestre e tem no rendimento global da pesca maior participação do que o aprendiz. Esta última categoria não é apenas a mais baixa da organização da pesca como também é aquela que inicia e forma de facto o jovem na realidade da pesca artesanal. Nesta situação são-lhe atribuídas tarefas de preparação da pesca, chamada de companheiros, aparelhagem do barco e transporte de equipamento diverso.

A companhia é assim um grupo de cooperação socio-económica onde se processa a integração dos indivíduos chamados à solidariedade grupal<sup>3</sup>. De facto, se um companheiro adoecer, o mestre velará para que ele receba a sua parte dos proventos das pescarias, assegurando assim os valores de interajuda que mantêm toda e qualquer companhia.

As companhias são fortemente estruturadas no respeito pela hierarquia e pelos valores de *solidariedade familiar e grupal*. As relações entre companhias traduzem hostili-

<sup>3</sup> Cf. Jean BANCAL, *L'économie des sociologues*, Paris, P. U. F., 1974, pp. 115-175.

dades ou aliança, e os conflitos entre tradição e modernidade conhecem neste âmbito o seu maior desenvolvimento.

Com efeito, o ciclo da pesca na freguesia estrutura-se em dois tempos socialmente significativos: a pesca tradicional de Inverno e a *contrata* de Verão.

Esta bipartição do tempo social vivido resulta da introdução, após a Segunda Guerra Mundial, da pesca industrial do atum, e traduz a adaptação dos pescadores a uma situação de ambiguidade. De facto, tudo se passa como se a comunidade, integrando factores de mudança, procurasse minimizar as tensões através de um duplo comportamento caracterizado por uma especialização na pesca do chicharro, de Inverno, e na pesca do atum, de Verão.

O equilíbrio desta solução adaptativa resulta do facto de que as companhias são, tanto na pesca tradicional como na pesca industrial, o quadro de acção socialmente definido; no entanto este facto acrescenta tensões entre as diferentes companhias, traduzidas nas mudanças de efectivos nos períodos charneiras do ano. Para melhor analisar este fenómeno podemos classificar as companhias existentes na freguesia em três grandes grupos. O primeiro as companhias que participam na pesca do atum, o segundo as companhias que participam somente na pesca artesanal e finalmente as pequenas associações de pescadores que embora não sendo formalmente companhias, pelo pequeno número de pescadores, representam aqueles que não optam pela pesca tradicional ou industrial e praticam individualmente a pesca sobretudo durante o Verão.

Existem quatro companhias que se dedicam à pesca industrial, cinco companhias de pesca tradicional anual e cinco associações de pescadores.

Comparando as referidas companhias a partir das características dos pescadores que as compõem podemos verificar, no Quadro X, o seguinte:

QUADRO X

## Pescadores

Grupo	Idade (média)	Habilitações Literárias		Estado Civil		Mobilização (média)
		Prim. %	Analf. %	Casado %	Solteiro %	
1	37,7	77	23	68	32	21,5
2	34,5	49,6	51,4	65,5	34,4	15,4
3	38,5	75	72	72	28	3,4

FONTE: Caixa de Previdência e Abono de Família dos Profissionais da Pesca (ex-Casa dos Pescadores).

As companhias que participam na *contrata* são formadas por pescadores mais jovens e mais escolarizados, sendo também as que mobilizam mensalmente o maior número de pescadores. Este facto está directamente ligado à presença destes pescadores na pesca industrial durante o Verão, dado que são necessários cerca de 18 pescadores para formar uma companhia para a *contrata*. A pressão das companhias do primeiro grupo sobre as outras manifesta-se nas transferências intercompanhias.

No ciclo de pesca existem três períodos claramente definidos: o primeiro período de Janeiro a Maio, o segundo de Junho a Setembro e finalmente o terceiro de Outubro a Dezembro, como demonstram os Quadros XI e XII.

Podemos verificar que, antes e após a pesca industrial, o número de transferências para o grupo que participa na *contrata* aumenta provindo sobretudo das companhias tradicionais.

Este facto cria uma variação sazonal dos efectivos na pesca tradicional que se acentua ao longo do período analisado, como verificamos pelo Quadro XII.

QUADRO XI

Transferências de pescadores inter-companhas

Período 1					Período 2					Período 3				
Grupo Receptor					Grupo Receptor					Grupo Receptor				
	G1	G2	G3	Total		G1	G2	G3	Total		G1	G2	G3	Total
G1	1	0	0	1	G1	0	0	1	1	G1	3	7	2	12
G2	10	11	1	23	G2	0	0	9	9	G2	8	6	2	16
G3	0	0	0	0	G3	0	0	1	1	G3	0	0	0	0
Total	11	11	1	—	Total	0	0	11	—	Total	11	13	4	—

FONTE: Serviço Regional de Lotas e Vendagens. Análise dos verbetes de descarga de pescado e composição das companhias ao longo do ano de 1980.

QUADRO XII

Varição mensal dos efectivos na pesca tradicional

Ano	EF. Total	Porcentagem mensal de presença na pesca tradicional											
		J.	F.	M.	A.	M.	J.	J.	A.	S.	O.	N.	D.
1975	139	76	59	73	75	42	40	40	37	35	61	70	72
1976	124	70	74	71	69	49	44	46	44	29	72	72	60
1977	119	82	82	82	67	28	28	27	27	66	61	73	76
1978	141	65	65	69	84	35	29	33	36	40	62	83	77
1979	142	85	82	49	67	33	30	32	30	30	77	75	69
1980	134	84	84	81	90	33	31	33	30	24	69	80	80

FONTE: Serviço Regional de Lotas e Vendagens. Análise dos verbetes de descarga de pescado e composição das companhias.

Esta variação traduz uma estrutura contextual que afecta sobremaneira a percepção da pesca tradicional. Com efeito, se considerarmos uma boa época de pesca aquela em que se verifica um elevado índice de capturas

conjugado com um reduzido índice de variação, poderemos afirmar que a pesca tradicional se situa no período onde se regista um elevado número de capturas, devido a uma maior concentração de pescadores, e correlativamente um elevado índice de variação, conforme se demonstra no Quadro XIII.

QUADRO XIII

Quantidades de pescado capturado no porto da Ribeira Quente (toneladas)

Ano	J.	F.	M.	A.	M.	J.	J.	A.	S.	O.	N.	D.	Total	Valor (mil esc.)
1975	105	35	30	66	60	34	54	59	43	60	70	51	667	4.001
1976	12	53	66	80	69	18	56	35	61	49	41	27	567	6.390
1977	58	19	4	9	14	11	56	59	58	60	41	27	416	4.671
1978	78	26	72	30	46	34	27	51	37	25	47	30	507	5.614
1979	48	10	49	37	64	39	68	84	64	135	125	77	800	7.773
1980	115	68	40	40	36	57	41	47	46	52	47	37	826	10.118
Méd.	68	35	44	44	48	33	50	56	52	64	55	42		
C. V. <sup>4</sup>	51	57	23	52	39	45	30	27	19	54	54	43		

FONTE: Quadro elaborado a partir dos verbetes de entrada de pescado na lota da Ribeira Quente. Serviço Regional de Lotas e Vendagens.

Neste contexto, a coexistência de dois modelos de pesca no seio desta comunidade é assegurada pela importância da companhia como estrutura integrativa dos pescadores. Contudo, a cada vez maior separação entre um grupo jovem escolarizado e um grupo mais idoso e não escolarizado faz perigar este equilíbrio. Aliás, como já foi referido, a ausência relativa da categoria etária de vinte a quarenta anos provoca a entrada na pesca de um número cada vez maior de pescadores com menos de vinte anos.

<sup>4</sup> Coeficiente de variação = (Desvio padrão/média) × 100.

#### 4. A lógica comportamental dos jovens pescadores

A entrada de jovens pescadores poderá ser explicada pelas pressões do ambiente social; contudo, pretendemos pôr em evidência a lógica subjacente ao comportamento destes pescadores tanto no que concerne à adesão ao modelo de pesca industrial como no que diz respeito à emigração dos jovens casais.

Para tal, e após a análise de conteúdo das entrevistas realizadas a pescadores com menos de vinte anos, elaborámos um conjunto de proposições que definem com maior rigor o significado da entrada na actividade piscatória<sup>5</sup>.

- |  |       |
|--|-------|
| a) Tiveram que ajudar os seus pais ..... | 92,3% |
| b) Não puderam estudar .....             | 61,5% |
| c) Não tiveram outra escolha .....       | 61,5% |
| d) Os pais assim o quiseram .....        | 38,5% |
| e) Assim quiseram .....                  | 5,0%  |

Aparece claramente neste contexto a importância do valor *solidariedade familiar* face a uma situação percebida como de carência. Este facto encontra-se patente nas proposições referentes à impossibilidade de estudar e à ausência de escolha. Apenas cinco por cento referem que são pescadores por vontade própria.

A pertinência da ligação entre as proposições *ter que ajudar os pais* e *não poder estudar* encontra-se patente nas respostas à segunda parte do inquérito onde se adoptou a *metodologia do cenário a completar*. De facto, podemos resumir-las da seguinte forma: «o jovem pôde estudar; logo, tem uma vida melhor e deve ter conseguido um bom emprego».

<sup>5</sup> Rolando LIMA LALANDA GONÇALVES, *Contribution à l'analyse de la dynamique socio-culturelle — Le village de Ribeira Quente*, Montpellier, Université Paul Valéry - Montpellier III, 1981, (policop.).

O facto de *estudar* encontra-se assim ligado à obtenção de bons empregos, o que manifestamente não é realizável no seio da organização piscatória, no entender destes jovens pescadores. Assim, os jovens opõem-se aos pescadores mais idosos, que, valorizando a experiência, não consideram a continuação dos estudos como «trabalho» que dê origem a uma possibilidade de trabalho na freguesia.

É de facto neste contexto que a proposição *ausência de escolha* ganha todo o seu significado. A *solidariedade familiar* como valor realiza-se assim na adopção de uma actividade que, segundo os jovens pescadores, não lhes permite ultrapassar as suas próprias carências individuais.

A vida de pescador é caracterizada pelos jovens da seguinte forma:

- |                                   |       |
|-----------------------------------|-------|
| a) Perigo .....                   | 100%  |
| b) Muito trabalho .....           | 84,6% |
| c) Baixo salário .....            | 84,6% |
| d) Muitos amigos .....            | 76,9% |
| e) Obediência aos mais velhos ... | 69,3% |
| f) Muitos conflitos .....         | 46,2% |

Esta caracterização é congruente com a percepção da pesca pelos pescadores mais idosos. O perigo, o baixo salário, a incerteza, e a solidariedade grupal constituem de facto um conjunto de elementos irredutíveis na percepção da pesca por parte dos pescadores. Esta percepção global faz parte do que Alfred Schutz chama «a zona onde as coisas são percebidas como dados», visto que é o interesse, pessoal ou grupal, que divide o campo não problemático do pressuposto em diferentes zonas de relevância<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Helmut WAGNER (org.), *Fenomenologia e relações sociais. Textos escolhidos de Alfred Schutz*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979, p. 100. Por zona de relevância entende A. Schutz «a zona das coisas tidas como pressupostos... (é dentro desta) zona de coisas pressupostas que temos que encontrar o nosso caminho» (p. 110).

O aspecto problemático da percepção da pesca, para os jovens pescadores, não se situa na organização social da pesca, da qual eles participam perfeitamente integrados. A pesca é vivida como uma *condição social* caracterizada pela percepção da vida na freguesia que transcrevemos a seguir:

A vida na Ribeira Quente é:

- a) Uma vida de muito trabalho 84,6%
- b) Uma vida de miséria ..... 61,5%
- c) Uma vida sem futuro ..... 61,5%
- d) Uma vida cada vez pior ..... 38,5%
- e) Uma vida cada vez melhor ... 23,1%

Em relação a esta situação, caracterizada por factores negativos, o comportamento dos jovens pescadores valoriza a entrada na pesca industrial. Esta vai representar a possibilidade de maximizar a sua situação económica ao mesmo tempo que constitui uma relativa ruptura com o ambiente da freguesia. Nas entrevistas não directivas realizadas na freguesia a pesca industrial aparece caracterizada essencialmente pela possibilidade de obter um rendimento mais elevado e mais seguro, e pela possibilidade de viajar e conhecer outras ilhas.

Neste contexto, e dada a *obrigatoriedade* de o jovem entregar a totalidade do seu salário à família, qual será o interesse objectivo em ganhar mais? Para responder a esta questão partimos da hipótese de que a divisão operada pelo interesse no campo não problemático cria zonas de relevância que explicam o comportamento dos jovens.

Assim, não é apenas uma melhoria pessoal mas sim a realização do valor da *solidariedade familiar* que motiva a entrada na pesca industrial e a subsequente melhoria das condições económicas. Nesta perspectiva, o jovem pescador contribui para a «riqueza» familiar, cuja «miséria»

é vista como consequência da pesca artesanal caracterizada por rendimento baixo e aleatório; ao mesmo tempo, aquele fica a conhecer o exterior.

Estas aspirações também se encontram patentes na análise que efectuámos das aspirações profissionais dos jovens antes da entrada na organização da pesca, ou seja, ainda durante o período de escolaridade obrigatória.

Pudemos então verificar que as aspirações profissionais dos jovens de 12 e 15 anos, num total de 33 alunos do 1.º e 2.º ano do ciclo preparatório, eram as seguintes:

Aspirações profissionais		Aspirações profissionais	
Sexo masculino	%	Sexo feminino	%
Jogadores de futebol	37,5	Actriz/Cantora/Dançarina	41,2
Pescadores	18,8	Professora	29,4
Piloto de avião	18,8	Catequista	11,8
Professor	6,3	Jornalista TV	5,9
Médico	6,3	Costureira	5,9
Padre	6,3	Médica	5,9
Agricultor	6,3		

De uma maneira geral são profissões de *representação*, o que indica a aspiração ao reconhecimento pessoal, traduzindo em certa medida a ausência de reconhecimento da criança no modelo socio-cultural local. Por outro lado, as aspirações profissionais dos rapazes encontram-se voltadas para o exterior da freguesia. As únicas profissões realizáveis na freguesia são apenas escolhidas por um pequeno número de alunos.

É sintomático, neste contexto rural, a importância dada ao futebol, aqui entendido não apenas no seu sentido lúdico mas sobretudo como meio de ascensão social, de prestígio e sucesso económico materializado pela saída da freguesia.

É também na conjunção destes elementos que a aspiração de vir a ser piloto de aviões encontra o seu significado. Aliás, é notável o facto de esta profissão ser mencionada, uma vez que não resulta de uma observação directa de aspectos ligados à aviação, dada a distância do aeroporto em relação à freguesia. Esta opção resulta indirectamente do facto de muitas vezes acompanharem parentes ao aeroporto quando estes voltam ou regressam da América.

Estas duas profissões, aviador e futebolista, foram escolhidas por mais de cinquenta por cento dos alunos interrogados. As outras profissões têm como quadro de referência as presentes na freguesia.

No que concerne às raparigas, é interessante verificar a amplitude das profissões de *representação* que necessariamente implicam ruptura com o quadro tradicional. No entanto, ao referirem as razões destas opções são as próprias raparigas que mencionam os obstáculos à realização das mesmas, o que revela a importância dada à vontade de desenvolvimento individual. As outras profissões escolhidas entram no quadro tradicional do papel atribuído à mulher no quadro do mundo rural, onde o trabalho doméstico e a religião ocupam lugar de destaque.

Uma análise comparativa entre as aspirações profissionais dos rapazes e das raparigas nesta freguesia revela um modelo comum: a necessidade de reconhecimento social, sendo a riqueza, o casamento e o prestígio considerados, por parte dos rapazes, como meios para a sua obtenção. Para as raparigas será o acesso a profissões consideradas prestigiantes. No conjunto, a maior parte das profissões implica, para a sua realização, a saída da freguesia. A zona de relevância é exterior, o que é congruente com a caracterização frustrante dada à vida na freguesia.

Assim estamos em condições de melhor compreender em que medida a pesca industrial permite a conciliação entre a liberdade individual e as exigências de solidariedade

familiar. No entanto, a análise das aspirações profissionais demonstra que, mesmo antes da entrada no mundo da pesca, a conciliação destes dois valores é solucionada pela adopção imaginária de profissões que permitem que tal se realize.

Este quadro psico-sociológico permite estabelecer uma abordagem das situações e das condutas onde os próprios valores tradicionais, integrados em *acções típicas*, revelam a lógica subjacente à acção colectiva e neste caso à emigração de jovens casais.

Para tal iremos alargar o campo de análise à freguesia no seu conjunto.

##### 5. Lógica eutópica e comportamento migratório dos jovens da freguesia da Ribeira Quente

Ao terminar a análise do comportamento dos jovens pescadores pusemos em evidência a dupla exigência dos valores da solidariedade familiar e da liberdade individual face à qual o jovem estrutura a sua acção por forma a conciliar a realização desses mesmos valores.

Esta *situação típica*, percebida no quadro de um sistema de relevâncias, está na base do comportamento migratório dos jovens casais. De facto como afirma Alfred Schutz, existem dois tipos de sistemas de relevâncias: *o sistema intrínseco de relevâncias* e *o sistema imposto de relevâncias*. Sendo tipos, construções, estes sistemas de relevâncias não se encontram no estado puro da realidade quotidiana mas sim em interacção. Nesta perspectiva o sistema de relevância intrínseco, motivado pelos interesses individuais e grupais, interage com o sistema imposto de relevância, resultado da coerção social<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Helmut WAGNER, *ob. cit.*, pp. 112 e 113.

Assim, a possibilidade de ruptura com o meio é inerente ao processo de constituição de uma nova família, pelo qual o jovem adquire o estatuto de adulto e fica liberto da obrigação de contribuir financeiramente para a sobrevivência da família instituída pelos seus pais. Tal ruptura cria um sistema de relevância que coloca no exterior a realização dos valores locais, ou seja, predispõe o jovem a migrar dado que a situação local é percebida como bloqueada.

Neste contexto assume particular importância o papel da visita de familiares emigrados, que no quadro das suas comunicações verbais e escritas veiculam a imagem do espaço de emigração.

A freguesia não pode ser concebida como sistema fechado: recebe periodicamente informações de natureza diversa tanto pelas cartas e *malas da América*<sup>8</sup> como pela presença dos emigrados nas festas locais, que constroem uma imagem de um *eldorado* caracterizado pelo facto do trabalho permitir o êxito económico.

O impacto desta imagem dos espaços de emigração, nomeadamente do Canadá e dos Estados Unidos da América, tem tanto mais hipóteses de vingar quanto esta é veiculada no quadro de relações afectivas intrafamiliares. Neste contexto, o consumo ostentatório dos familiares emigrados, durante as festas locais, reforça esta imagem de trabalho frutuoso na medida em que a posse de dólares, popularmente chamado *dola*, pelo poder de compra que proporciona, é associada ao prestígio e à riqueza.

Assim, o emigrante torna-se imagem-guia caracterizada pela realização no exterior dos valores locais: trabalho, prestígio ligado ao trabalho, riqueza, solidariedade familiar e libertação individual.

<sup>8</sup> Envio por parte dos emigrantes de malas contendo roupas e bens oferecidos a familiares e a amigos.

Nesta perspectiva assumem especial relevo os casamentos entre os jovens da freguesia e os jovens emigrados.

QUADRO XIV

Anos	Casamentos: Percentagem de Emigrantes		
	Homens	Mulheres	Total
1976	35,5	35,7	57,1
1977	46,2	38,5	53,8
1978	10,0	10,0	20,0
1979	21,1	26,3	46,2
1980	14,3	14,3	28,6

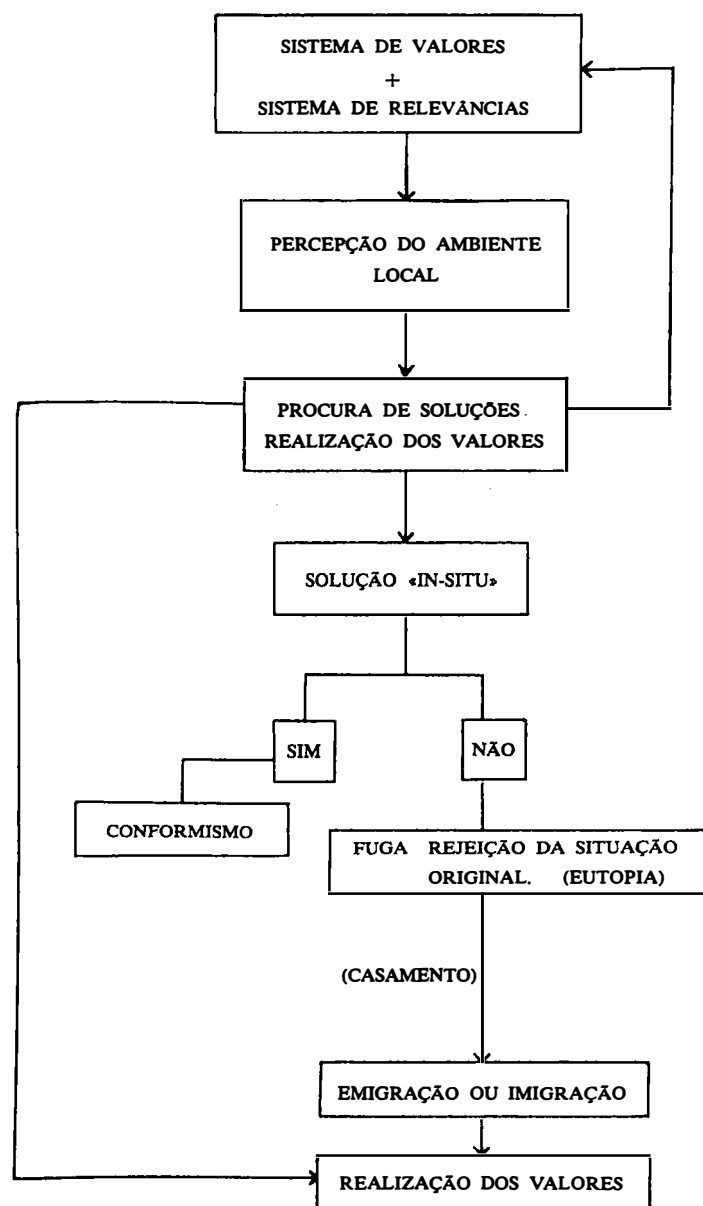
FONTE: Arquivo Paroquial de São Paulo, Ribeira Quente. Análise dos livros de registo de casamento.

Podemos assim explicar a emigração após o casamento como consequência de uma lógica comportamental, onde um sistema de valores e de relevâncias determina uma conduta voltada para a ruptura com a situação local. Essa ruptura aparece no quadro local não como o abandono do modelo socio-cultural mas sim como a realização de valores tradicionais.

O modelo assim estabelecido poderá ser alargado ao conjunto da freguesia, traduzindo-se no esquema que a seguir se publica (Quadro XV).

Este modelo foi elaborado a partir do seguinte postulado: «a acção colectiva no quadro de uma organização é um processo onde os indivíduos agem num sistema constituído pelas suas situações individuais e grupais, que têm

QUADRO XV



uma significação específica quanto à motivação que os provoca»<sup>9</sup>.

Isto significa que face a uma situação, percebida como não sendo conforme aos valores e aos objectivos individuais, o indivíduo tenta maximizá-la, através de uma estratégia de compatibilização entre a finalidade cultural e os meios institucionais ao seu dispor<sup>10</sup>.

Nesta perspectiva o casamento seguido de emigração é compatível com o sistema de valores e com o sistema de relevâncias. Assim, reforçando as situações de conformidade, a emigração provoca uma progressiva perda organizacional da comunidade, proporcionando as condições necessárias para a permanência desta dinâmica de abandono da freguesia.

Esta lógica comportamental assenta na construção permanente da *eutopia*, ou seja, da percepção do espaço exterior como susceptível de realizar os valores locais.

Assim o conceito de *eutopia* (eu = bem, topos = lugar: lugar do bem)<sup>11</sup> não se confunde com o conceito de utopia, dado que não se trata de uma projecção num lugar imaginário de um novo quadro de relações sociais, mas sim da projecção para um espaço exterior da possibilidade do desenvolvimento dos valores locais, o que aproxima o movimento emigratório das características intrínsecas dos movimentos messiânicos.

Esta aproximação entre a lógica eutópica e a lógica messiânica encontra a sua pertinência na presença no modelo

<sup>9</sup> F. BOURRIGAUD, *L'individualisme institutionnel. Essai sur la sociologie de Talcott Parsons*, Paris, P.U.F., 1977, p. 59.

<sup>10</sup> R. MERTON, in André LEVY (dir.), *Psychologie sociale. Textes fondamentaux anglais et américains*, Paris, Dunod, 1978, pp. 393-422.

<sup>11</sup> Cf. Rolando Lima Lalanda Gonçalves, *ob. cit.*, pp. 157-160.

socio-cultural de traços culturais messiânicos, nomeadamente na forte religiosidade da comunidade analisada.

Demonstrámos assim que a forte coesão comunitária pode estar na base de comportamentos migratórios, o que se contrapõe à tese tradicional do excedente de população e da marginalidade que acompanham tais fenómenos. Para tal foi necessário recorrer a uma abordagem fenomenológica, tendo em conta as situações vividas e intencionadas pelos actores sociais. Nesta perspectiva o conceito de *eutopia* revela-se operacional, na medida em que subentende uma lógica comportamental que integra os vários factores que estruturam os sistemas de acção colectiva.